



II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO  
XIV FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO  
XVII SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
De 27 à 30 de abril de 2016 na Universidade de Santa Cruz do Sul.

## DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO ATITUDE DE AUTORIA E INVESTIGAÇÃO DOCENTE

Niqueli Streck Machado-EDUCAR-SE<sup>1</sup>

Anna Paula Lopes da Silva-EDUCAR-SE

Rosimeri Bohnen-EDUCAR-SE

**GE: Arte, Cultura e Infância.**

### Resumo

Tratamos, neste relato, da experiência de docência na Educação Infantil plasmada pelos registros de conviver com as crianças e com colegas professoras. O objetivo é problematizar esses encontros enquanto acontecimentos que configuram maneiras de produzir a documentação pedagógica como acolhimento das crianças e acompanhamento reflexivo da aprendizagem docente para as educadoras. A abordagem metodológica tomou por base a narrativa que foi se constituindo a partir de uma série de encontros entre as professoras que, ao se provocarem sobre modos de documentar os acontecimentos cotidianos com as crianças, se propuseram a compartilhar tais registros. Os encontros potencializaram a continuidade de uma formação docente na escola que problematizou tanto a escrita dos relatórios anuais como a própria concepção de docência com crianças. Pensar na experiência de uma docência que compartilha planejamentos e registros vividos diz respeito a intensificar possibilidades de encontros e compreensão de outros pontos de vista (BARBOSA et al, 2015). Nesse sentido,

---

<sup>1</sup> Escola Educar-se: [niqueli@unisc.br](mailto:niqueli@unisc.br); [annasilva@unisc.br](mailto:annasilva@unisc.br); [rosimerib@unisc.br](mailto:rosimerib@unisc.br)

tal experiência contribui para o debate de concepções que se atravessam na abordagem da documentação pedagógica, como a ideia de avaliação enquanto acompanhamento e de uma pedagogia da escuta (RINALDI, 2014) como premissa de uma relação de aprendizagem ao legitimar e tornar visível o vivido entre adultos e crianças. Compreendemos a documentação pedagógica como a busca pelo significado da docência em uma escola que valoriza e prioriza o direito das crianças viverem suas infâncias. Nesse sentido, a avaliação tornou-se para nós um processo cotidiano de documentar e dar valor ao encontro com as crianças, constituindo um contexto de escuta que torna visível os percursos de aprendizagem e que, por isso mesmo, favorece a autoria docente, constituindo uma atitude de investigação que busca atribuir sentido e significado ao vivido cotidianamente com as crianças.

**Palavras-chave:** Educação infantil, Documentação pedagógica, Autoria, Docência, Escuta.

## ENCONTROS QUE POTENCIALIZARAM APRENDIZAGENS

Pela ideia de *docente* como *sujeito da experiência* - que seja afetado, produza afeto, inscreva marcas e deixe alguns vestígios.  
(LARROSA, 2002, grifo nosso).

A escrita desse relato de experiência emerge de uma série de encontros vividos por nós, três professoras de Educação Infantil; encontros que começaram pelo desejo de aprofundar, na escola, o estudo acerca de avaliação e documentação pedagógica. Para isso, escolhemos textos para leitura e debates e começamos o processo de compartilharmos registros diversos que produzíamos no encontro cotidiano com as crianças para pensarmos a partir de tais narrativas.

Acreditamos que a ação de documentar o cotidiano na Educação Infantil é capaz de potencializar um novo olhar sobre esse cotidiano e, sobretudo, um novo olhar sobre a docência. Esta escrita surge a partir de uma pesquisa qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986), bibliográfica e de cunho investigativo narrativo, realizada no período de agosto a dezembro do ano de dois mil e quinze, envolvendo três professoras de turmas de Educação Infantil de crianças de três a seis anos, de uma escola privada do município de Santa Cruz do Sul.

Compreendemos, com o passar do tempo, que o ato de trazermos para as rodas de conversa tais registros escolhidos foi impulsor de muitas provocações acerca das intencionalidades que diziam respeito ao planejamento, registros e à avaliação. Provoações estas que diziam respeito, enfim, a nossa concepção de criança, infância e da especificidade da docência com crianças.

Nesse sentido, tais encontros nos convocaram a um olhar ainda mais cuidadoso e sensível a esse cotidiano vivido com as crianças, ao passo em que entendemos que nossos registros constituíam acontecimentos e configuravam maneiras de produzir a documentação pedagógica como acolhimento das infâncias e acompanhamento reflexivo da aprendizagem docente. Por essa razão, a abordagem metodológica do relato que segue tomou por base a narrativa que foi se constituindo a partir destes encontros, os quais, por sua vez, potencializaram a continuidade de uma formação docente na escola. Importante destacar que no início de nossa formação tinha como foco a escrita dos relatórios anuais das crianças. Porém, ao interrogarmos o modo como estávamos narrando nosso cotidiano com as crianças, compreendemos que, para além da escrita, estávamos interrogando o “como” em nossas escolhas e, por isso, questionando a especificidade que habita a docência com crianças.

Cremos, cada vez mais, que o encontro entre adultos que discutem ideias qualifica nosso olhar em relação ao cotidiano vivido, concordando com Barbosa et al (2015), quando defende que,

Conviver entre pares e também entre crianças com diferentes idades intensifica possibilidades de encontros, de exploração do mundo e compreensão de outros pontos de vista. Não é a idade que determina saberes e conhecimentos a serem apreendidos. É do percurso histórico da experiência no mundo e com o mundo, na temporalidade das interações com as coisas e com os outros, que emerge a compreensão de distintos mundos. (BARBOSA et al, 2015, p. 192).

Ainda, fundamentando a opção em compartilhar registros ao longo da investigação, assumimos a perspectiva, junto com Marques e Almeida (2011), quando os autores destacam que a ação de documentar diz respeito ao ato de acompanhar o percurso da criança, dando sentido ao seu cotidiano. Assim, no momento em que nos reunimos para dialogar acerca do vivido com as crianças, nos provocávamos a repensar no *como* realizar estes registros para documentar o percurso de aprendizagem das crianças. Ainda nesse sentido, concordamos com Malaguzzi (1999), quando enfatiza que uma escola de criança pequena é um organismo vivo de relacionamentos compartilhados por adultos e crianças.

## **INQUIETUDES QUE NOS UNIRAM...**

Um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte

do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se **tempo e espaço**. (LARROSA, 2002, p. 24).

Escolhemos a citação acima, pois acreditamos, como Larrosa (2002), que é preciso cuidarmos mais do tempo e do espaço vividos na escola. A arte do encontro só é possível com o gesto de abertura ao outro e ao que ele tem a nos dizer e, para isso, é preciso um tempo e um espaço, na escola, para estarmos disponíveis. Talvez, essa foi a premissa inicial que uniu nosso grupo de três professoras, inicialmente: o desejo e a disponibilidade de estarmos juntas, dialogando acerca do que vivemos com as crianças.

Aqui, consideramos importante dizer que concordamos com a ideia de Educação enquanto modo de acolher e responder aos que chegam até nós (LARROSA, 2006), pois pensar assim nos interroga em como estamos vivendo o acolhimento e o comprometimento em nossas escolhas no momento de organizar os espaços da sala, o planejamento, os registros e, conseqüentemente, a avaliação dos processos cotidianos.

Outro conceito importante que defendemos, juntas, é a ideia de criança potente, que tem coisas a nos dizer e que, por isso mesmo, merece respeito. Para isso, dialogamos com Malaguzzi (1999), quando ele define que as coisas relativas às crianças e para as crianças somente são aprendidas através das próprias crianças.

Ainda, corroboramos com a ideia de avaliação a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), que legitimam esse processo como acompanhamento do trabalho pedagógico e o desenvolvimento das crianças sem objetivo de seleção, promoção ou classificação.

A observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano; utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.); a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental); documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil; a não retenção das crianças na Educação Infantil. (BRASIL, 2010, p. 29).

Sendo assim, no próximo momento trazemos a discussão do conceito de Documentação Pedagógica, para problematizar como, efetivamente, essa abordagem possibilita mudanças de postura na docência com crianças.

## **AFINAL, O QUE É DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA?**

A documentação sistemática permite que cada professor se torne um produtor de pesquisas, isto é, alguém que gera novas ideias sobre o currículo e sobre a aprendizagem, em vez de ser meramente um consumidor de certezas e da tradição. (GANDINI e GOLDHABER, 2002).

É através da escuta da experiência que se torna visível e essencial o pensar sobre a nossa prática em um contexto de construção de uma proposta pedagógica para a criança pequena, pois é inevitável observar as crianças em movimento, produzir relatos sobre o cotidiano, repensar posturas, espaços, materiais e propostas, discutindo com os pares e assim fazer a relação com a teoria em um processo de formação contínua.

A documentação enquanto processo implica a produção de registros ao longo do percurso pedagógico: fotografias, produções das crianças, relatos do professor são algumas possibilidades. É preciso, portanto, planejar a documentação, selecionando um foco que oriente o que se quer documentar, por que se quer documentar, e para quem se documenta, pois não é possível nem produtivo documentar tudo. (MARQUES e ALMEIDA, 2011, p.417).

A documentação deve ser assumida como atividade sistemática, o que depende da forma de organização dos serviços e das condições de trabalho dos profissionais. Priorizar a documentação parece ser um caminho possível (DAHLBERG, MOSS, PENCE, 2003). Possibilidade que exige disponibilidade dos professores em realizar seus registros, reuniões e trocas de experiências. Documentar vai além de estar dentro da sala anotando e fotografando os momentos com a turma de crianças, se trata de compartilhar com a família o trabalho desenvolvido durante o período em que o filho está no ambiente escolar.

Considerando que ser professora de crianças pequenas convoca a pensar na especificidade dessa docência, compreendemos que, mais do que o processo de ensinar e aprender, é preciso pensar no processo de estar junto, aprender com a criança, acompanhando seus percursos de aprendizagens. Assim, muitas interrogações foram povoando e interrogando nosso cotidiano: Como potencializar a documentação pedagógica enquanto proposta pedagógica no cotidiano com as crianças? Como observar, registrar e refletir sobre o vivido? Como comunicar às famílias o vivido com as crianças?

Nesse sentido, começamos um movimento de estratégias para que os registros fizessem parte do planejamento de estar com as crianças. Para isso, registramos falas das crianças, planejamento de imagens e vídeos para, posteriormente, revisitarmos tais registros para seleção e interpretação do que estava sendo vivido. Essa ideia vai ao encontro do que escreve Lopes (2009), ao afirmar que documentar implica a coleta de registros, a seleção desses

materiais, a reelaboração da experiência narrada e, portanto, a reflexão sobre a própria experiência.

Lopes (2009) trouxe um ponto importante para nossas coletas de registros: a reflexão sobre o que foi documentado e registrado. Percebemos ao longo que não poderíamos anotar e fotografar tudo, teríamos que manter um foco em nossos registros para podermos compartilhar as experiências durante as nossas manhãs.

Para Pagni (2014), os educadores devem colocar em ação, através da observação e da documentação, a sua capacidade de captar o sentido das experiências das crianças e, através de uma linguagem apropriada, interpretar e restituir os significados de suas ações, valorizando os processos e os percursos individuais. Ao documentar, o educador constrói uma relação entre ele mesmo e a criança, se envolvendo, escolhendo e interpretando esta escolha e também o que não escolheu como valioso.

Pensando que é importante que as crianças tenham a memória de sua história na escola, anotações em nossos diários foram se constituindo, desenhando uma história de experiências. Cada fala coletada, cada imagem selecionada faz parte da história do percurso da criança. Os registros eram claros e sucintos, pois ao longo do ano se constituíram em relatório de aprendizagem, onde constou todo o percurso da criança até o momento. Essa ideia vai ao encontro do que defende Pagni (2014, p. 103), ao argumentar que “a documentação daquilo que acontece nos centros educacionais para a primeira infância não deve, portanto, ser compreendida como algo estático, conservador e simplesmente a ser arquivado”.

É a documentação que estabelece clareza perante criança, família, educador. Também é utilizada pela Escola para orientar o trabalho diário dos educadores sendo assim. Pagni (2014), afirma que a prática da documentação deve tornar visível os diversos processos de crescimento, de desenvolvimento e de aprendizagem individual, restituindo a cada criança o valor e a singularidade de seu percurso. A esse propósito, o perfil individual, ou seja, a narração da história dos processos de desenvolvimento de cada um representa um instrumento fundamental para a valorização das individualidades e das trajetórias de crescimento individual e pessoal.

O que buscamos problematizar, ao longo dessa narrativa, é o que estamos compreendendo hoje: que a perspectiva de acompanhar só pode se tornar possível a partir da ideia de uma docência que está junto, que conversa com as crianças e as famílias, que registra e observa, valorando e considerando o que as crianças dizem e fazem como modos potentes e singulares de ser e estar no mundo. Por isso, no último momento dessa narrativa, defendemos que a abordagem da documentação pedagógica nos faz pensar nesse outro modo de pensar a

avaliação e de contar o cotidiano de adultos e crianças na escola, provocações estas que nos acompanham sempre, cotidianamente.

## **PROVOCAÇÕES COTIDIANAS**

A diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa. Clarice Cohn (2009)

Ao longo dos estudos, compreendemos que na Educação Infantil a grandeza dos encontros acontece no viver das práticas cotidianas, “não em grandes acontecimentos, mas acontecem na força do dia a dia, do corriqueiro dos pequenos eventos” (GANDINI e GOLDHABER, 2002, p. 170).

Nesse sentido, a avaliação na perspectiva da valoração torna-se intrínseca em nosso fazer pedagógico. O planejamento cotidiano dos espaços e situações de aprendizagem emerge para ampliar experiências e valorizar o fazer das crianças, os acontecimentos e encantamentos. A avaliação como instrumento que tem o objetivo de valorar, acompanhar e contar sobre o viver das crianças no espaço da escola, um viver que por essa ótica se torna digno da escuta atenta do adulto.

Considerar as falas das crianças, conversar com elas, estar disponível, valorizar o que elas dizem e fazem e pensar na escuta como elemento pedagógico vai ao encontro de uma docência que tem como pressuposto a possibilidade do diálogo e da reflexão, pois é o que nos torna capazes de ver e entender o mundo de modo diferente. Neste mesmo pressuposto, Machado (2014) argumenta que,

Compreender a docência com crianças pequenas enquanto fenômeno educativo de ação construtivamente ética é reconhecê-la enquanto prática da alteridade, de experiência de encontro com o outro, da escuta e do processo de aprender a narrar o vivido. A docência na Educação Infantil emerge, neste sentido, como possibilidade de uma experiência narrativa que legitima tanto a memória do passado quanto os desafios imprevistos, constituindo-se, portanto, em uma ação criadora. (MACHADO, 2014, p.86).

Pensar na experiência de uma docência que compartilha planejamentos e registros vividos diz respeito a intensificar possibilidades de encontros e compreensão de outros pontos de vista (BARBOSA et al, 2015). Para Rinaldi (2014) a escuta surge como disponibilidade, trata-se de um caminho difícil que exige esforço, energia, muito trabalho e sofrimento, mas que também oferece encanto, surpresa, alegria, entusiasmo e paixão. É um caminho que demanda tempo, tempo que as crianças têm e os adultos muitas vezes não têm, ou não querem

ter. Isso é o que uma escola deveria ser: primeiro e acima de tudo, um contexto de múltiplo escutar.

Nessa perspectiva da avaliação como acompanhamento e múltiplo escutar, interrogamos o quão plural são os encontros na Educação Infantil e de quanto precisamos observar, escutar, abordar, olhar as crianças com outros olhos, inverter a lógica escolar que nos aprisiona em rotinas pautadas no tempo do relógio para conseguir aprender a lógica do tempo da infância, um tempo que admira, se encanta e vive intensamente. É preciso aprender a observar o andar de uma formiga, a comprar “balas” sem dinheiro e se entusiasmar com as repetições que sempre são diferentes, para assim, aprender a valorar os pequenos acontecimentos.

Pensando nisso, a escrita docente surge como aquela que conta sobre o outro e também sobre quem escreve. Para tanto, a palavra como poética torna-se um acontecimento que não podemos prever, pois se constitui no acontecimento da narrativa. A experiência que ocorre ao docente quando se encontra com as crianças está desnuda de palavras e, ao agir poético de aprender a nomear estas experiências vividas com as palavras justas, a palavra torna-se um acontecimento.

Portanto, o que e como registrar? Como escrever os relatórios das crianças? Como narrar o percurso singular e coletivo das crianças? Para Larrosa (2002, p. 21) “as palavras produzem sentido, criam realidades”. Tal experiência contribui para o debate de concepções que se atravessam na abordagem da documentação pedagógica, como a ideia de avaliação enquanto acompanhamento e de uma pedagogia da escuta (RINALDI, 2014) - como premissa de uma relação de aprendizagem ao legitimar e tornar visível o vivido entre adultos e crianças.

Compreendemos a documentação pedagógica como a busca pelo significado da docência em uma escola que valoriza e prioriza o direito das crianças viverem suas infâncias. A avaliação tornou-se para nós um processo cotidiano de documentar e dar valor ao encontro com as crianças, potencializando um contexto de escuta que torna visível os percursos de aprendizagem e que, por isso mesmo, favorece a autoria docente, constituindo uma atitude de investigação que busca atribuir sentido e significado ao vivido cotidianamente com as crianças.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. e MARQUES, A. **A documentação na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades.** R. Educação Publica de Cuiabá, 2011.



BARBOSA, M. C. S.; FARIA, A. L. G.; FINCO, D (Org.). **Campos de experiências na escola da infância**: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

DAHLBERG, G.; MOSS, P., PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância**: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

GANDINI, L.; GOLDHABER, J. Duas reflexões sobre a documentação. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.150-169.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. In: **Revista Brasileira de Educação**, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4.ed. trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOPES, Amanda Cristina Teagno. **Educação Infantil e registro de práticas**. São Paulo: Cortez, 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Niqueli Streck. **A ação docente de documentar na educação infantil**. Dissertação de Mestrado em Educação: UNISC, 2014.

MALAGUZZI, L. **História, ideias e filosofia básica**. In: EDWARDS, C. et al. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 59-104.

PAGNI, Barbara. Olhar para o futuro através da memória: projetar, documentar e refletir sobre as experiências. In: FORTUNATI, Aldo. **A abordagem de San Miniato para a educação das crianças**: protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo do possível. San Miniato, Edizione ETS, 2014.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.